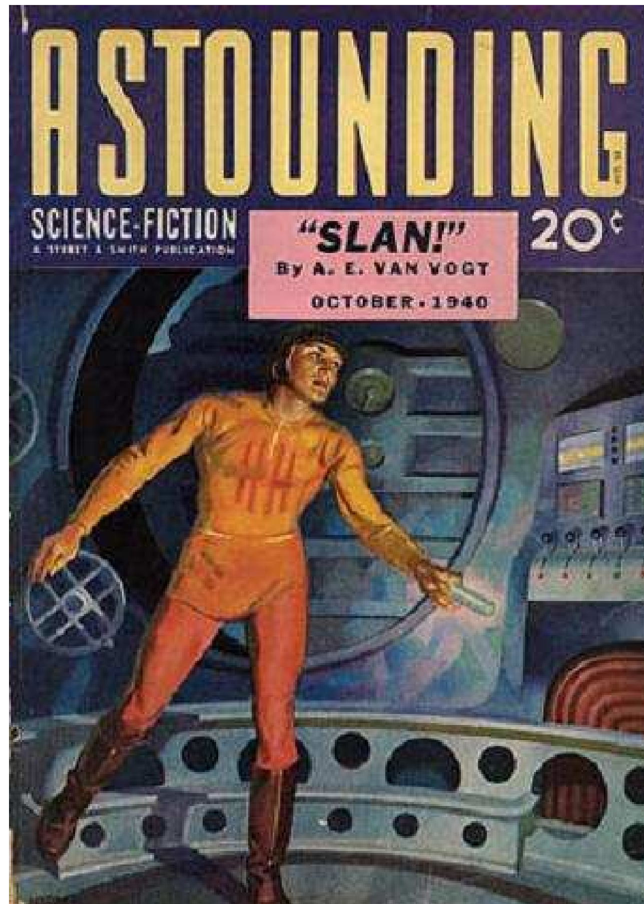
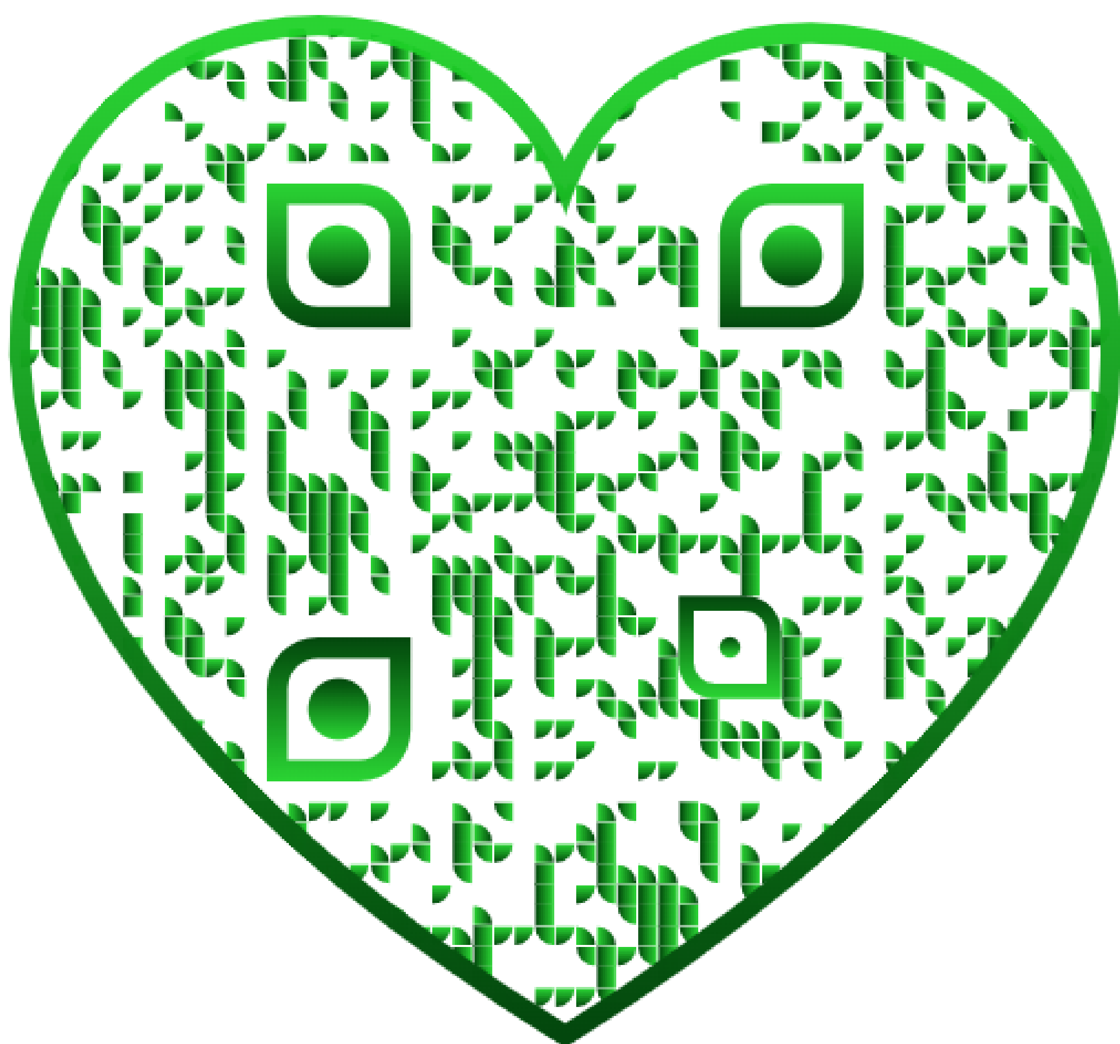




http://groups.google.com/group/digitalsource



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros



Adeus ao mestre

Harry Bates

1

Do alto da escada acima do chão do museu, Cliff Sutherland estudava cuidadosamente cada linha e sombra do grande robô; então se virou para observar, pensativo, a fila de visitantes vindos do salão do Sistema Solar para ver Gnut e o viajante com os próprios olhos e ouvir mais uma vez sobre a fantástica e trágica história deles.

Ele mesmo sentia quase um interesse particular na exibição e com alguma razão.

Ele havia sido o único repórter fotográfico independente na Capital quando os visitantes vindos do desconhecido chegaram, e havia conseguido as primeiras fotos profissionais da nave.

Tinha testemunhado de perto cada evento naqueles dias loucos que se seguiriam. Depois disso havia fotografado muitas vezes o robô de seis metros, a nave e o belo embaixador assassinado, Klaatu, em seu imponente túmulo no centro do Memorial, que se transformara no centro de atenção mundial para bilhões de pessoas e agora, mais uma vez, ele estava ali buscando mais fotos e, se possível, de um novo ângulo.

Desta vez estava atrás de uma foto na qual Gnut parecesse estranho e ameaçador. Aquelas que havia tirado no dia anterior não tinham o efeito esperado e esperava conseguir ainda hoje, mas a luz ainda não estava apropriada e ele esperava a chegada da tarde.

A última turba admitida estava exaltada diante das curvas esverdeadas do misterioso viajante do espaço-tempo, esquecidos completamente da nave diante da visão da espantosa e da grande cabeça do gigante Gnut. Apesar de sua aparência quase humana ser familiar, nada na Terra tinha olhos como aquele. Gnut possuía quase que exatamente a forma de um homem – um gigante – mas um homem feito de metal esverdeado ao invés de pele e músculos metálicos.

Exceto por um pano ao redor da cintura, semelhante a um saiote egípcio, ele estava nu.

De pé, como um poderoso deus das máquinas saído de uma nunca sonhada civilização cientifica, sua face parecia conter uma expressão pensativa solene. Aqueles que olhavam para ele não emitiam comentários ou faziam gestos e aqueles mais próximos sequer falavam.

Seus estranhos olhos vermelhos iluminados internamente davam a impressão a qualquer um que de estar sendo observado, e transmitiam uma sensação de que ele poderia, a qualquer momento, dar um passo a frente em fúria e realizar algo inimaginável.

Um som desagradável veio dos auto-falantes escondidos no teto acima e fez com que todos prestassem atenção. A gravação estava prestes a começar a apresentação. Cliff suspirou resignado; sabia cada fala de cor e estivera presente quando ela fora gravada e conhecera o dono daquela voz, um camarada chamado Stillwell.

'Senhoras e senhores' iniciava a voz clara e bem modulada, mas Cliff não estava mais prestando atenção. As sombras da face de Gnut começavam a ficar maiores e estava quase na hora de fazer as fotos. Escolheu algumas provas que havia feito no dia anterior e as analisou criticamente comparando.

Enquanto olhava, sua testa se enrugou. Não havia notado antes, mas agora, subitamente ele percebeu que em comparação ao dia anterior algo havia mudado em Gnut. A pose que tinha diante de si era quase idêntica aquela das fotografias; cada detalhe parecia igual, mas assim mesmo aquela sensação de estranhamento perdurava. Pegou seu visor de vidro e mais cuidadosamente comparou o objeto com as fotografias, linha por linha. E então ele viu o que estava diferente.

Subitamente excitado, Cliff escolheu duas fotografias de diferentes exposições.

Ele sabia que devia ter esperado um pouco e ter tirado outras, mas parecia tão decidido a desvendar aquele mistério que tinha que sair dali. Guardou seu equipamento e desceu a escada

deixando o lugar. Vinte minutos depois consumido pela curiosidade já processava as novas fotos em seu quarto de hotel.
O que Cliff viu comparando os negativos tirados no dia anterior com os de hoje causou-lhe grande comoção.
Havia realmente uma inclinação diferente. E aparentemente ninguém a não ser ele havia percebido! Ainda assim, o que havia descoberto, apesar de lhe render a capa de todos os jornais do sistema solar, era afinal apenas uma pista. A história do que realmente ocorrera, ele sabia melhor do que ninguém, seria seu trabalho descobrir.
O que significava dizer que precisaria entrar no prédio e permanecer lá secretamente durante a noite. Aquela noite mesmo; havia tempo para chegar lá antes de fechar.
Levaria consigo uma pequena câmera infravermelha capaz de ver no escuro e então conseguiria a foto e a história. Arrumou-se e correu de volta ao museu.
O lugar estava cheio com outro grupo de em fila e a apresentação estava no fim.
Ele agradeceu a Deus que seu acordo com o museu permitia-lhe entrar e sair à vontade.
Já se havia decidido quanto ao que iria fazer.
Primeiro dirigiu-se ao guarda da ronda e fez-lhe uma simples pergunta já antecipando a resposta que ouviria. A segunda foi encontrar um local que lhe garantiria ficar fora das vistas do homem responsável por fechar o salão à noite. Só havia uma possibilidade: o laboratório que ficava atrás da nave.
Corajosamente, ele mostrou suas credenciais ao segundo guarda parado na entrada do laboratório, justificando que viera entrevistar os cientistas e logo já estava na porta do laboratório. Já havia estado ali diversas vezes e conhecia o lugar.
Era uma área espaçosa que servia aos cientistas e ao seu trabalho de conseguir uma entrada na nave, repleta de máquinas e instrumentos pesados e aquecedores, apetrechos de química, coberturas de asbestos, compressores, escadas, microscópios e todo tipo de equipamento encontrado em laboratórios de metalurgia.
Três homens de branco estavam absorvidos em um experimento num lado distante dali.
Cliff aguardou um bom momento e escorregou para debaixo de uma mesa meio repleta de suprimentos. Sentiu-se razoavelmente seguro de não ser detectado ali.
Logo, logo, seria noite e os cientistas iriam para casa.
Além da nave, pôde ouvir uma outra fileira esperando para entrar - talvez, esperava, a última do dia.
Sentou-se tão confortavelmente quanto podia. Logo outra apresentação se iniciaria de novo.
Teve que sorrir ao pensar em algo que seria dito na gravação.
Então começou a transmissão da voz treinada e clara de Stillwell. Os passos e aclamações da multidão desapareceram e Cliff podia ouvir cada palavra apesar do volume da grande nave que se colocava no caminho.
'Senhoras e senhores. O instituto Smithsonian os saúda nesta nova ala interplanetária e as maravilhas que no momento presenciam.'
Um pausa.
'Todos vocês devem saber do que ocorreu aqui, três meses atrás, se é que não viram pela televisão. Os fatos são estes. Um pouco após as dezessete horas do dia 16 de Setembro. Vários turistas, visitando Washington, passaram por estas portas, perdidos em seus pensamentos. O dia era quente e agradável. Um grupo de visitantes deixava a entrada principal do museu exatamente na direção para a qual estão voltados agora. Claro que ainda não havia esta seção. Todos estavam saudosos de casa, cansados sem duvida pelas horas de pé, assistindo as exibições do museu e visitando os vários prédios, quando então aconteceu.
Na área logo à sua direita, assim como está hoje, apareceram os viajantes do tempo. Num piscar de olhos. Não veio dos céus, dezenas de testemunhas podem jurar, ele simplesmente apareceu. Um momento ele não estava lá e no momento seguinte estava. Apareceu neste mesmo ponto que os senhores estão vendo.

As pessoas mais próximas da nave foram tomadas pelo pânico e correram aos gritos. Uma onda de excitação varreu Washington. Rádio, televisão e os jornalistas correram para cá. A polícia formou um cordão de isolamento ao redor da nave e unidades do exército apareceram com atiradores. A mais temida calamidade.
Desde o início ficou claro que não se tratava de uma espaçonave vinda de alguma parte do sistema solar. Toda criança sabe que apenas duas espaçonaves foram feitas na Terra: uma fôra destruída ao ir contra o sol e a outra foi reportado ter chegado intacta em Marte. Além disso, as naves tinham escudos de forte alumínio; e esta, que estão vendo, é feita de um estranho metal esverdeado.
A nave simplesmente apareceu e ficou ali parada. Ninguém saiu de dentro e não havia sinal de que contivesse qualquer vida interior de qualquer tipo. Isto fez com que a excitação chegasse a um clímax. Quem ou o quê estava lá dentro? Os visitantes eram pacíficos ou hostis? De onde havia vindo? Como havia chegado ali sem cair do céu?
Por dois dias a nave permaneceu ali, como vocês vêem, sem sinal de conter vida. Os cientistas já haviam explicado que não se tratava de uma espaçonave, mas de um viajante tempo-espacial, pois só um aparato assim deste gênero poderia se materializar. Explicaram que este viajante, teoricamente compreensível para todos na Terra, estaria longe do nosso atual estágio de conhecimento, e que a nave, ativada pelos princípios da relatividade, poderia ter vindo do canto mais distante do universo, de uma distância que a luz iria precisar de milhões de anos para cruzar.
Quando esta opinião foi disseminada, a tensão publica só fez crescer até se tornar quase intolerável. De onde haviam vindo? Quem eram seus ocupantes? Por que a Terra? E acima de tudo, por que não se mostravam? Poderiam estar talvez preparando alguma terrível arma de destruição?
E onde ficava a porta da nave? Aqueles que se atreveram a procurar de perto não conseguiram achar uma. Nem sequer uma fissura na superfície perfeita e curva ovóide.
E uma delegação de altos oficiais que a havia visitado não puderam convencer seus ocupantes a sair ou tiveram sinal de que foram ouvidos.
Ao final, após dois dias, diante da vista de dezenas de centenas de pessoas presentes e sobre a proteção das armas dos militares, uma abertura surgiu na parede da nave e uma rampa deslizou para fora e abaixo e de dentro saiu um homem, como um deus em aparência humana, seguido de perto de um gigantesco robô. Assim que alcançaram o chão, a rampa recuou e a porta fechou-se como antes.
Ficou imediatamente claro para a platéia que o estranho era amigável. A primeira coisa que fez foi erguer seu braço direito num gesto universal de paz, mas não foi isso que impressionou aqueles mais próximos, mas a expressão em sua face, irradiando generosidade, conhecimento, a mais pura nobreza. Em seu robe tinto e delicado, ele parecia um benevolente deus.
Um grande comitê formado por altos membros do governo e oficiais das forças armadas, que aguardavam pela sua aparição, avançou para cumprimentar o visitante.
Com graciosidade e dignidade o homem apontou para si e depois para o robô companheiro e disse em perfeito inglês, com um peculiar sotaque.
'Sou Klaatu', ou algo assim, 'e este é Gnut'. Os nomes não foram bem entendidos no instante mas subseqüentemente, revendo as gravações de áudio e imagem, ficaram reconhecidos a todos.
Foi quanto ocorreu aquilo que seria conhecido para sempre como uma das maiores vergonhas para a raça humana. Do alto de uma árvore, uma centena de metros dali, veio uma luz violeta e Klaatu caiu. A multidão ficou perplexa por um instante, sem compreender o que ocorrera.
Gnut, pouco atrás de seu mestre e ao lado, lentamente virou seu corpo em direção a ele, moveu duas vezes a sua cabeça e parou, nesta exata posição que vocês vêem agora.
Um pandemônio seguiu-se. A polícia arrancou o assassino de Klaatu das árvores. Um sujeito mentalmente incapaz que gritava que o diabo viera matar a todos nós na Terra. Ele foi detido e Klaatu já morto foi levado a um hospital mais próximo, na tentativa de que algo pudesse ser feito para revivê-lo.

Confusa e assustada, a multidão se dispersou pela capital, permanecendo vagando pela tarde e por quase toda noite.
A nave permaneceu silenciosa e quieta como antes e Gnut também nunca se moveu da posição em que ficou.
Gnut nunca se movera de novo.
Permaneceu exatamente como vêem por aquela noite e todos os dias depois.
Quando o mausoléu foi construído, a cerimônia de enterro de Klaatu teve vez neste mesmo lugar onde estão, presenciada pelas maiores autoridades do mundo. Não foi apenas a coisa mais apropriada a se fazer como a mais segura, pois se existissem criaturas vivas dentro da nave elas poderiam se comprazer pela sincera manifestação de pesar dos homens da Terra e pelo que havia acontecido.
Se Gnut estivesse vivo, ou se ainda melhor dizendo, continuava operacional, não havia sinal algum. Permaneceu como vêem por toda a cerimônia. Mesmo quando seu mestre era levado para dentro do mausoléu e encerrado pelos séculos com tragicidade este seu curto histórico de sua visita. E está ali parado, dia após dia, noite após noite, faça sol ou faça chuva, sem se mover ou demonstrar o menor sinal de que tem noção do que ocorreu.
Após o ocorrido, esta nova ala foi construída e anexada ao museu a fim de cobrir e proteger a nave e Gnut. Nada mais poderia ser feito, pois, como se aprendeu, Gnut e a nave são pesados demais para serem movidos com segurança por qualquer meio que conhecemos.
Vocês devem ter ouvido sobre os esforços dos nossos metalúrgicos, desde então, na tentativa de penetrar no interior da nave e que eles resultaram em total fracasso.
Atrás da nave, hoje, como podem ver no final, uma sala foi acrescentada para este trabalho em especial e tentativas ainda estão sendo feitas. Apesar de tudo, este maravilhoso metal esverdeado tem se provado inviolável. Não somente não conseguimos entrar, mas sequer descobrimos o ponto exato pelo qual Klaatu e Gnut emergiram.
Muitas pessoas temem que Gnut só esteja temporariamente danificado e que ao retornar ao funcionamento poderá ser perigoso; porém todos os cientistas desmentiram esta possibilidade.
O metal esverdeado do qual é feito, o mesmo da nave, não pode ser danificado, eles pensam, nem encontraram um jeito de penetrar em seu interior, mas eles têm outros meios. Eles estão experimentando aplicar correntes elétricas de alta voltagem e amperagem através deles. Já tentaram com o calor extremo. Os deixaram imersos por dias em gases e ácidos e soluções corrosivos e já os bombardearam com todo tipo de raios conhecidos.
Não precisam ter medo dele agora. Ele possivelmente não possui mais a habilidade de funcionar.
Mas, uma palavra de atenção. As autoridades sabem que os visitantes não irão mostrar qualquer desrespeito dentro deste prédio. Pode ser que a desconhecida e impensavelmente poderosa civilização da qual vieram Klaatu e Gnut, possa enviar outros emissários para ver o que aconteceu com eles. Caso o façam ou não, nenhum de nós deve mostrar-se inamistoso com nossa atitude. Nenhum de nós é capaz de antecipar o que aconteceria e todos nós sentimos pesarosos, mas ainda temos reconhecimento da nossa responsabilidade e devemos fazer o que for preciso para evitar qualquer possível retaliação.
Vocês poderão permanecer por mais cinco minutos e então soará um gongo e pedimos que todos, por favor, deixem o local imediatamente. Os atendentes ao longo da parede responderão as dúvidas que tiverem.
Olhem bem, diante de vocês estão os símbolos absolutos da realização, do mistério e da fragilidade da raça humana.'
A gravação cessou. Cliff cuidadosamente moveu com cuidados seus membros doloridos e sorriu.
'Se eles soubessem o que eu sei!'
Suas fotografias contavam uma história um pouco diferente da apresentação. Uma das linhas do chão estava visível ontem, próxima ao pé do robô e hoje estava coberta. Gnut havia se movido!
Ou sido movido, pensou, sem achar ser provável. Onde estaria a outra evidência de seu deslocamento? Não podia ter sido feito em uma noite apenas e todos os sinais apagados. E por

que o fariam? Ainda assim, para ter certeza, ele perguntara ao guarda. E ainda se lembrava de sua resposta:
'Não. Gnut nunca se moveu ou foi movido desde a morte de seu mestre. Tiveram o cuidado de mantê-lo como estava, na posição que assumiu quando da morte de Klaatu. O chão foi construído debaixo dele e os cientistas levantaram seus aparatos ao redor dele. Não precisa ter medo.'
Cliff sorriu de novo. Ele não tinha medo.
Não ainda.

2

No momento seguinte o grande gongo sobre as portas de entrada soou na hora de fechamento do museu e imediatamente seguiu-se uma voz vinda dos alto-falantes: 'Cinco horas, senhoras e senhores. É hora de fechar, senhoras e senhores.'
Os três cientistas, surpresos por ser já tão tarde, correram para lavar as mãos, trocar as roupas e desapareceram por uma porta do corredor, sem ver o jovem debaixo da mesa.
O som dos pés no andar da exibição rapidamente desapareceu até se resumir aos passos dos dois guardas caminhando de uma ponta para outra, verificando que tudo estava certo. Apenas muito rapidamente um deles parou na porta do laboratório e se foi. As portas de metal foram fechadas e então houve silêncio total.
Cliff aguardou alguns minutos, então cuidadosamente saiu debaixo da mesa. Assim que ficou de pé, um som de algo se quebrando soou perto do seu pé. Encontrou os restos de uma pipeta de vidro, que ele provavelmente tinha derrubado ao sair do esconderijo.
Aquilo fez com que pensasse em algo que até então não lhe ocorrera. Um Gnut que podia se mover era um Gnut que poderia ver e ouvir; e realmente poderia ser perigoso. Teria que ter mais cuidado.
A sala era margeada por duas partições de fibra que acompanhavam a curva abaixo da nave.
Um dos lados da sala era a nave por si e a outra, ao sul, a parede daquela ala. E quatro janelas altas. A única entrada era a passagem.
Sem se mover, apenas com seu conhecimento do prédio, bolou seu plano. A ala era conectada a oeste com o fim do museu por uma entrada nunca usada, e a sua extensão leste conduzia ao monumento de Washington. A nave ficava perto da parede sul e Gnut ficava em frente dela, não muito longe do canto norte e o final oposto da sala, próximo da entrada do prédio e do corredor que dava no laboratório. Tomando bastante cuidado, poderia sair no lado mais distante do robô e havia uma pequena plataforma baixa, com o painel do som. Esta mesa era o único lugar que oferecia um esconderijo no qual poderia observar o que acontecia. Os outros únicos objetos na sala eram os seis atendentes em formato do robô em estações fixas ao chão ao longo da parede norte, posicionados para atender as perguntas dos visitantes. Então, ele tinha que chegar até aquela mesa.
Na ponta dos pés, deixou o laboratório e seguiu o corredor. Estava bem escuro lá fora, pois a luz de entrada da exibição havia sido apagada. Conseguiu chegar ao final da sala sem fazer som algum. De lado espiou a nave e Gnut.
E teve um momentâneo choque. Os olhos do robô estavam fixos nele – ou pareciam estar.
Seria somente um efeito ou, pensou, que ele já fora descoberto? A posição da cabeça de Gnut não parecia ter sido alterada. Provavelmente estava tudo bem, mas ele desejava não precisar cruzar a sala com aquela sensação dos olhos do robô a lhe seguir.
Recuou, sentou-se e esperou.
Teria que estar totalmente escuro antes dele se arriscar chegar até a mesa.
Aguardou por uma hora até que a luz fraca das lâmpadas do lado de fora começou a tornar a sala mais clara, então se levantou e olhou para a nave mais uma vez.

Os olhos do robô pareciam atravessá-lo. Era algo aterrador. Será que Gnut sabia que ele estava ali? Quais seriam seus pensamentos? O que poderia pensar uma máquina tão incrível quanto Gnut?
Chegara a hora de atravessar a sala; Cliff passou a alça da câmera pelas costas, ficando de quatro, e lentamente seguiu em direção a entrada do hall. Ali, de cócoras, encostado à parede o máximo possível, seguiu centímetro por centímetro sem parar, sem arriscar olhar para os enervantes olhos de Gnut. Levou quase dez minutos para atravessar o espaço de cem metros e estava suado quando seus dedos alcançaram a plataforma onde ficava a mesa.
Ainda devagar, silenciosamente, encontrou abrigo atrás da proteção da mesa de comandos.
Finalmente conseguira.
Relaxou então por um momento, ansioso para saber se havia sido visto, e olhou cuidadosamente pelo lado da mesa.
Os olhos de Gnut estavam sobre ele mais uma vez. Ou pareciam. Contra a escuridão geral, o robô assim mesmo emitia uma sombra misteriosa que fazia com que parecesse ter cinqüenta metros, dominando com sua sombra todo salão. Não conseguia saber se sua posição se alterara ou não.
Mas se Gnut estivesse olhando para ele, ele ao menos não fizera nada além disso. A não ser por aquele movimento que Cliff descobrira, não parecia ter feito mais nada. Sua posição era a mesma que mantivera nos últimos três meses, na escuridão, na chuva e nas últimas três semanas no museu.
Cliff não queria permitir-se ter medo, e agora tinha consciência de seu corpo. Aquela curta viagem havia feito algo nele – seus joelhos e ombros doíam e as calças pareciam estragadas.
Mas isso não tinha importância se aquilo que ele esperava ver acontecesse. Se Gnut se movesse ele poderia pegá-lo com sua câmera infravermelho e, com o dinheiro da venda daquela história, poderia comprar cinqüenta calças iguais às que estava usando. E, se além disso, pudesse desvendar o propósito do movimento de Gnut, provando que existia um propósito, então ele teria uma história que faria o mundo ouvi-lo.
Sentou-se por um momento para esperar: não havia nenhuma dica de quando ele se moveria, se ele se movesse naquela noite. Os olhos de Cliff já estavam acostumados à escuridão e de tempos em tempos ele observava intensamente o robô, por bastante tempo até ser obrigado a piscar e descansar seus olhos para não dar vez à sua imaginação.
Mais um minuto, com o ponteiro do relógio percorrendo mais uma volta completa. A inatividade fazia Cliff menos cuidadoso e por um longo tempo permaneceu com a cabeça atrás da proteção da mesa de controle.
Assim que quando Gnut se moveu ele quase desmaiou de susto.
Estava um pouco aborrecido quando deu conta que o robô estava a meio caminho de seu esconderijo. E isso não era o mais assustador.
Mas sim quando percebeu que não conseguia vê-lo se mover. Ele havia parado como um gato em meio do movimento para agarrar o rato. Seus olhos agora mais brilhantes, sem dúvida estavam virados na sua direção. Ele olhava para Cliff!
Sem quase respirar, e meio hipnotizado, Cliff olhou de novo. Seus pensamentos estavam confusos. Qual era a intenção do robô? Por que tinha parado? Estaria cercando-o? Como conseguia mover-se tão silenciosamente?
Em total escuridão os olhos de Gnut moveram-se para mais próximo. Lentamente, mas em um ritmo perfeito que era quase imperceptível o som dos seus passos aos ouvidos de Cliff. Cliff que habitualmente era cheio de recursos, se viu paralisado de medo, incapaz de se mover, enquanto o monstro de metal com olhos de brasa se aproximava.
Por um momento esteve a ponto de desmaiar, mas quando se recuperou, ali estava Gnut alçando-se de pé junto dele, com suas pernas quase tocando sua mão. Ligeiramente inclinado e cravando seus olhos nele.
Tarde demais para pensar em correr.

Tremendo como um rato acuado num canto, Cliff esperou ser esmagado. Esperou uma eternidade, parecia. Gnut escrutinava-o sem mais se mover. Para cada segundo que passou, Cliff esperou ser aniquilado de repente, rápido e completamente.
Então de repente, e sem esperar, tudo terminou. Gnut ficou ereto e afastou-se, virando-se. E então, com um ritmo muito pouco mecânico e que só ele possuía, voltou para o lugar onde estivera antes. Cliff não podia acreditar no que acontecera. Ele poderia tê-lo esmagado como a um inseto e simplesmente tinha se virado e se foi. Por quê? Não podia supor que um robô fosse capaz de considerações humanas.
Gnut chegara agora ao outro lado da nave. Parou e realizou uma curiosa sucessão de sons. Prontamente, Cliff viu se abrir, mais escura do que a escuridão, uma abertura na lateral da nave, seguido pelo som da rampa deslizando até tocar o chão. Gnut subiu por ela, parou um segundo e desapareceu no interior da nave.
Pela primeira vez então Cliff lembrou-se da foto que viera tirar. Gnut havia se movido e ele não aproveitara a chance. Mas ao menos agora, ainda podia fotografar a rampa se conectando à porta aberta; então preparou a câmera na posição, ajustou para uma exposição longa e disparou.
Muito tempo transcorreu sem que Gnut reaparecesse. O que poderia estar ocorrendo lá dentro?
Cliff imaginava. Sua coragem já retornara e considerou a idéia de arrastar-se até a porta e olhar para dentro, mas não achou que tinha tanta coragem para isso.
Gnut não lhe fizera mal, porém nada poderia lhe dizer o quanto seria tolerante com ele.
Uma hora se passou então outra, e Gnut estava fazendo algo lá dentro, mas o quê?
Cliff não conseguia imaginar. Se o robô fosse um ser humano, saberia que ele daria uma espiadela, mas do jeito que as coisas estavam, era uma incógnita sem solução. Mesmo os mais simples robôs da terra, sob certas circunstâncias, faziam coisas inexplicáveis; e o que um ser deste tipo, vindo de alguma civilização desconhecida e impensável, com certeza a mais formidável criatura já construída – que superpoderes não poderia ter? Tudo que os cientistas da Terra haviam tentado não conseguiram avariá-lo. Ácido, calor, raios, terríveis golpes - ele suportara a tudo. Poderia enxergar perfeitamente no escuro. E mesmo ser capaz de ouvir, ou de outro jeito, saber precisamente a posição de Cliff.
Mais tempo passou e então próximo das duas horas da manhã, algo completamente banal aconteceu e tão inesperado que por um instante destruiu o equilíbrio de Cliff.
Subitamente, através da escuridão do prédio silencioso ouviu-se um bater de asas e logo um doce canto de pássaro. Um rouxinol. Em algum lugar do salão, acima dele. Límpida e repleta de notas era seu canto, pequenas canções, uma depois da outra, sem pausas, uma canção de amor da primavera talvez, o mais belo cantor de toda natureza. E assim como começou, terminou.
Se todo um exercito de invasão saísse da nave, Cliff ficaria menos surpreso.
Era dezembro e mesmo na Flórida, os rouxinóis ainda não haviam começado a cantar. Então como um deles fôra entrar no museu? Como e por que cantava ali?
Aguardou, cheio de curiosidade, até de repente ver Gnut já parado do lado de fora da porta. Seus olhos brilhando na direção de Cliff.
Por um momento, o silêncio do local pareceu mais intenso, então foi quebrado por um barulho abafado perto do chão, onde Cliff estava.
A luz dos olhos de Gnut havia mudado e ele começou a andar de seu jeito na direção de Cliff. Quando estava bem perto, parou e se inclinou, pegando algo do chão. Por algum tempo ficou parado olhando para aquele pequeno objeto em sua mão. Cliff sabia, embora não pudesse ver, que se tratava do rouxinol. Pelo menos era seu corpo, mas já não cantava mais. Então sem olhar para Cliff, Gnut se virou e entrou na nave mais uma vez.
Horas se passaram enquanto Cliff aguardava pela seqüência daquele surpreendente acontecimento.
Quem sabe sua curiosidade fosse responsável por perder o medo. Certamente se o robô fosse hostil, se desejasse feri-lo, já teria feito antes, quando teve a oportunidade perfeita para isso.

Cliff estava cada vez mais nervoso por desejar dar uma olhada lá para dentro da nave. E tirar uma foto; tinha que se lembrar da foto. Vivia esquecendo o motivo que o trouxera até ali.

Já na mais profunda escuridão de uma falsa madrugada que ele juntou coragem bastante para tomar a iniciativa. Tirou os sapatos e, na ponta dos pés, com os sapatos amarrados e batendo juntos sobre os ombros, ele moveu-se rápido para uma posição mais próxima então parou esperando algum sinal de que Gnut o percebera se mover. Sem ouviu nada, passou por detrás de um atendente e parou, então assim, cuidadosamente alcançou a beirada da nave. E ficou desapontado. Nenhuma luz podia ser visível lá dentro, apenas escuridão e o silencio permeando tudo. Ainda assim, precisava daquela foto. Ergueu a câmera, fez foco na escuridão e deu uma longa e boa exposição. Então ficou lá, sem saber o que mais fazer em seguida.

Quando parou, passou a ouvir uma série de sons peculiares, aparentemente vindos de dentro. Sons de animais, primeiro baixo, depois acentuados por cliques, então ranger de dentes, interrompidos por mais rangidos e sons ofegantes, como se uma luta de algum tipo estivesse ocorrendo. Então de repente, antes que Cliff pudesse se decidir por correr de volta ao seu esconderijo, uma forma baixa, larga e escura surgiu na frente da nave e imediatamente se virou e ficou do tamanho de um homem. Uma sensação de terror total tomou Cliff que reconheceu aquela forma de vida.

No segundo seguinte, Gnut surgiu na entrada e, sem hesitar, começou a descer a rampa na direção daquela forma de vida.

Assim que avançou, ela recuou de lado levemente por um metro e então com os braços balançando ao lado do corpo, começou a bater contra o peito feito um tambor enquanto da sua garganta partia um profundo rugido de desafio. Apenas uma criatura no mundo todo batia no peito daquela maneira e fazia um som como aquele. A criatura era um gorila.

E um gorila dos grandes.

Gnut continuava vindo e quando chegou bastante perto, abaixou-se e agarrou a fera.

Cliff não imaginava que Gnut pudesse se mover tão rápido. No escuro, não conseguia ver os detalhes do que ocorria, tudo que sabia era que dois grandes vultos: o titã de metal Gnut e o baixo, porém terrivelmente forte gorila. Eles se fundiram por um instante; o silêncio do robô e os grunhidos e rugidos da besta - e quando os dois se separaram, o gorila estava de costas no chão.

O animal se ergueu rapidamente se pondo a rugir alto. Gnut avançou contra ele.

Eles se atracaram mais uma vez e ainda uma outra, como ocorreu antes de se separarem. O robô permanecia inexorável e o gorila agora retrocedeu até a parede dos fundos do prédio. Subitamente a fera correu contra a figura do atendente e com um movimento rápido a derrubou, decapitando-a.

Tenso de medo, Cliff se colocou abaixado atrás de um dos robôs atendentes.

Graças a Deus, Gnut estava entre ele e o gorila, que continuava avançando.

O gorila mais uma vez atirou-se contra o robô atendente seguinte e com força quase inacreditável, levantou-o arrancando do chão e o atirou na direção de Gnut. Com um som de metal contra metal, o atendente acertou o robô e o da terra voou para longe detendo-se ao chão.

Cliff amaldiçoou a si mesmo, pois novamente esquecera completamente de fotografar.

O gorila continuava arrancando e destruindo todos os robôs atendentes com ferocidade sem igual e ainda atirava pedaços e peças no implácavel Gnut. Logo chegaram perto da mesa de controles e Cliff agradeceu por não estar mais lá. Então seguiu-se um breve silêncio. Cliff, de onde estava não podia ver o que estava acontecendo, mas imaginou que o gorila alcançara o canto da ala e estava encurralado.

Se assim foi, foi apenas por um momento. O silêncio foi quebrado de repente por um rugido e logo o vulto do animal se aproximou na direção de Cliff, ficando entre ele e a porta da nave. Cliff rezou pelo retorno de Gnut, pois agora restava apenas um robô atendente entre ele e a criatura enfurecida. E Gnut apareceu. O gorila mais uma vez se colocou de pé, batendo no peito e rugindo desafiadoramente.

Então, algo bem estranho ocorreu. A besta caiu nas quatro patas e rolou de costas como se estivesse fraco ou ferido. Fazendo ruídos pavorosos, fez-se de pé novamente para enfrentar Gnut que se aproximava. E enquanto esperava, foi atraído pelo ultimo atendente e talvez por Cliff, abaixado junto dele. Com um acesso repentino de fúria o gorila atirou-se na direção de Cliff, que apesar do pânico viu que o animal movia-se com dificuldade, severamente machucado. Saltou para trás a tempo de se esquivar: o gorila saltou contra o atendente robô e atirou-o violentamente contra Gnut, por pouco não o atingindo.
Fora seu último esforço. A fraqueza o envolveu e tombou em seguida de lado, rolando de costas, Estremeceu e então não mais se moveu.
O primeiro clarão pálido da manhã insinuava-se no salão.
Do canto onde se refugiara, Cliff viu o grande robô. Pareceu-lhe que se comportava estranhamente.
Parou junto ao gorila morto, olhando para baixo com o que num humano poderia ser chamado de tristeza. Cliff reparou com precisão; as feições esverdeadas seriamente contraídas, pensativas e que ele nunca vira antes. Ficou assim algum tempo então como um pai com sua criança doente, ergueu o grande animal nos braços de metal e suavemente o carregou para a nave.
Cliff procurou abrigo de novo na mesa de instrumentos, sentindo medo por conta de outros acontecimentos inexplicáveis e perigosos. Pensou que seria mais seguro abrigar-se no laboratório e, com os joelhos tremendo, fez o caminho até lá, escondendo-se atrás de um grande forno maciço. Rezou pela luz do sol. Seus pensamentos eram um caos.
Rapidamente, um após outro, os eventos daquela noite preencheram sua mente, mas tudo era mistério, não parecia haver uma explicação racional para aquilo tudo.
O rouxinol. O gorila. A expressão de tristeza de Gnut e sua docilidade.
Nada explicava tal mescla fantástica de acontecimentos.
Gradualmente a luz do dia chegou.
Um longo tempo se passara.
Afinal, começou a acreditar que escaparia vivo dali. As oito e trinta, ouviu ruídos na entrada e o som maravilhoso de vozes humanas chegou-lhe aos ouvidos. Deixou o forno industrial e caminhou pela passagem.
Os ruídos cessaram subitamente e houve uma exclamação de espanto e o som de pés correndo e então silêncio de novo. Temeroso, Cliff espiou ao redor da nave.
Lá estava Gnut em sua pose costumeira, na mesma posição que assumira após a morte de seu mestre, junto da nave e sozinho mais uma vez, em meio ao salão arruinado.
As portas da entrada estavam abertas e, com o coração na boca, Cliff correu para fora.
Minutos depois, salvo no seu quarto de hotel, esgotado por total, sentou-se na cama e logo adormecera assim sentado. Mais tarde, ainda usando as mesmas roupas e ainda sonado, rolou pela cama. Não voltaria a acordar até o meio dia.

3

Cliff acordou lentamente a principio sem dar se conta se as imagens que rodavam em sua cabeça eram memóriais reais e não um sonho fantástico.
Foi a lembrança das fotos que havia tirado que o fez levantar-se e tratar de revelar aquelas em sua máquina.
Nas suas mãos estavam as provas que os eventos da noite passada haviam ocorrido. Ambas haviam saído muito boas. A primeira mostrava claramente a rampa descida da porta até tocar o chão como pudera ver de trás da mesa. A segunda, da porta aberta era desapontadora, pois uma parede impedia a visão. Isso se devia ao fato de que nenhuma luz vinha do interior da nave quando Gnut lá dentro estava - assumindo que Gnut precisasse de luz para o que quer que fizesse lá.

Cliff olhou os negativos com vergonha de si mesmo. Que péssimo fotografo ele era, por ter apenas tirado duas fotos como aquelas. Tinha tido várias chances de realizar grandes fotos – fotos de Gnut em ação – Gnut lutando contra o gorila – mesmo Gnut segurando o rouxinol – fotos que dariam calafrios a quem as visse e tudo que tinha eram duas fotos da porta. Ah sim, tinham valor, mas ele era um grande burro.

E para completar sua brilhante performance, ele havia caído no sono.

Bem, era melhor ir para as ruas e descobrir o que estava acontecendo.

Tomou um banho rápido, barbeou-se e mudou de roupa e logo estava entrando em um restaurante freqüentado por fotógrafos e jornalistas. Sentou-se em uma mesa e fez um sinal para um amigo e competidor.

'O que vai beber?' perguntou seu amigo tomando um lugar ao seu lado.

'Nada, até que eu tenha comido alguma coisa.' Cliff respondeu.

'Então você não ouviu?'

'Ouviu o quê?' Disse Cliff, como se não soubesse o que estava acontecendo.

'Você é demais' comentou o outro 'Quando algo realmente grande acontece, você está dormindo na sua cama.' Então ele contou o que havia sido descoberto esta manha no museu para o grande regalo dos jornalistas de todo o mundo. Cliff então fez três coisas.

Tomou seu café da manhã, agradeceu aos céus que ninguém havia o descoberto e continuou mostrando surpresa. Ainda mastigando, correu de volta ao prédio do museu.

Uma grande multidão de curiosos de avolumava na frente, mas Cliff não teve problemas em entrar, depois de mostrar suas credenciais de repórter. Gnut e a nave estavam na mesma posição de sempre, mas o piso estava coberto por pedaços dos robôs atendentes destruídos. Muitos outros repórteres, seus competidores, estavam por perto.

'Eu estive fora, perdi a coisa toda' disse para um deles. 'Gus, qual a explicação para tudo isso?'

'Me pergunte algo fácil. Ninguém sabe realmente. Pensam que algo saiu da nave, talvez outro robô como Gnut. Mas me diga, onde você andou?'

'Dormindo.'

'Melhor prestar atenção. Milhões de bípedes estão apavorados. Vingança pela morte de Klaatu, é o que dizem. A Terra pode ser invadida a qualquer momento.'

'Mas isso...'

'Ah, eu sei que é loucura. Mas esta é a história que está correndo por aí e que vende jornais. Mas surgiu um ângulo totalmente novo, muito surpreendente. Venha aqui.'

Levou Cliff até a mesa onde um grupo olhava para algo com interesse, vários objetos guardados por um técnico. Gus apontou para quilo que parecia serem pêlos marrom-escuros.

'Aqueles pêlos vieram de um gorila macho.' Disse Gus com a casualidade de um detetive particular. 'Foram achados esta manhã pelo chão. Outros foram encontrados junto aos robôs atendentes destruídos.'

Cliff olhou atônito, ou tentou ao menos. Gus apontou para um tubo de testes cheio com uma substancia.

'Aquilo é sangue diluído – sangue de gorila. Estava nos braços de Gnut.'

'Meu Deus!' Cliff exclamou. 'E não há explicação?'

'Nem mesmo uma teoria. Esta é a sua grande chance, garoto maravilha!'

Cliff se afastou de Gus, sem poder continuar a encenar por mais tempo. Não sabia o que fazer com aquela historia. O serviço de notícias pagaria bem por aquilo – pelas suas fotos – mas aquilo acabaria por tirar a matéria das suas mãos. Algo na sua cabeça lhe dizia que queria estar na ala novamente aquela noite, mas, bem, ele estava com medo. Tivera maus momentos e ainda queria continuar vivo.

Andou por ali por algum tempo e contemplou Gnut.

Ninguém podia imaginar que ele se movia, ou que em seu rosto esverdeado pudesse caber uma expressão genuína de tristeza. Aqueles olhos estranhos.

Cliff pensou se podia estar olhando para ele naquele momento e reconhecendo-o como o intruso da ultima noite. De que matéria estranha ele era feito – aquele material colocado no lugar dos olhos por uma raça desconhecida pelos homens e que toda ciência da Terra não conseguira danificar.
O que Gnut estaria pensando? Quais poderiam ser os pensamentos de um robô – de um mecanismo de metal diferente do barro do qual foi feito o homem? Estaria zangado com ele? Cliff achava que não. Ele o havia tido à sua mercê e o deixado viver.
Deveria se atrever a fazê-lo de novo?
Cliff pensou que sim.
Saiu da sala pensando nisso. Tinha certeza de que Gnut se moveria de novo. Uma arma de raios Mikton poderia protegê-lo de outro gorila – ou cinqüenta gorilas. Ele ainda não conseguira a história de verdade. Tinha conseguido apenas duas ridículas fotos de arquitetura.
Devia saber de imediato que iria ficar. Em meio ao pó, armado com sua câmera e de uma pequena arma, mais uma vez sob a mesa de instrumentos no laboratório e ouviria as portas de metal a se fechar à noite.
Desta vez conseguiria a história e as fotografias.
Se nenhum policial fosse destacado para passar a noite de guarda.

4

Cliff aguçou a audição para ter certeza de que o último guarda havia ido embora, mas o silêncio na ala era total. Estava feliz com isso, mas não completamente.
A escuridão e a idéia de que não estaria seguro fez a possibilidade de uma companhia algo não de todo desagradável.
Uma hora após o escurecer por completo, retirou os sapatos, amarrou-os juntos, pendurando-os no ombro e percorreu o corredor que o deixaria na área de exibição. Tudo se assemelhava a noite anterior. Gnut era uma grande sombra distinta no fundo do salão. Seus olhos vermelhos brilhando de novo como se sobre Cliff. Igual a vez anterior, mas ainda mais cauteloso, Cliff esgueirou-se como uma cobra, com o estomago ao chão e lentamente alcançou a plataforma onde ficava o painel de controle. Uma vez em seu esconderijo, colocou sua câmera a postos assim como a arma no coldre do ombro, apertado contra o peito.
Desta vez, disse a si mesmo, ele conseguiria as fotos.
Sentou-se numa posição de onde pudesse manter Gnut à vista o tempo todo. Sua visão já se adptara à falta de luz. Eventualmente sentia-se solitário e com um pouco de medo, os olhos vermelhos estavam lhe dando nos nervos, o fazendo pensar que Gnut não lhe faria mal de jeito algum. Ainda tinha dúvidas se estava sendo observado.
Horas se passaram. De tempos em tempos, ouvia alguns sons da entrada, do lado de fora, um guarda talvez, ou alguns curiosos passando.
Lá pelas nove da noite ele viu Gnut se mover. Primeiro sua cabeça, virou-se de tal modo que seus olhos brilharam mais intensamente, pois olhava para Cliff. Por um tempo foi só isso, então o vulto de metal escuro deslizou pra frente e então direto na sua direção. Cliff pensou que não sentiria medo agora, mas seu coração parara. O que iria acontecer?
Com um silêncio surpreendente, Gnut chegou perto, sua sombra cobrindo Cliff, seus olhos vermelhos queimando em direção ao homem minúsculo. Cliff tremia, pois sentia mais medo do que a primeira vez. Não havia planejado isso, e quando viu, falava com a criatura:
'Não me machuque. Só estava curioso, queria saber o que estava acontecendo. É o meu trabalho. Você me entende? Não vou machucar ou ferir você, eu... não faria isso mesmo se pudesse. Por favor!'
O robô não se moveu e Cliff não sabia se suas palavras haviam sido compreendidas. Quando sentiu que não conseguiria suportar mais o suspense, Gnut se esticou e pegou algo da mesa ou

talvez colocou algo nela, então virou e recuou. Cliff estava seguro! Novamente o robô o havia poupado.
Cliff perdera parte de seu medo. Sentiu que estava seguro agora e que Gnut realmente não o faria mal. Por duas vezes tivera esta possibilidade e nas duas vezes apenas olhara para ele e se afastara.
Cliff não sabia o que Gnut fizera na mesa. Foi olhar, movido por grande curiosidade sobre o que viria em seguida.
Como da vez passada, o robô fôra até a nave, fizera uma serie de ruídos e então a porta de abriu e quando a rampa desceu ele entrou dentro da nave.
Cliff ficou sozinho por provavelmente quase duas horas. Nenhum som vinha de lá.
Cliff podia espiar da porta, mas não estava certo de que devia fazê-lo.
Com a arma ele poderia enfrentar outro gorila, mas se Gnut o pegasse então seria o fim.
Esperou que algo fantástico acontecesse, sem saber o quê; talvez o rouxinol de novo, talvez o gorila, talvez nada. O que quer que acontecesse, mais uma vez o pegaria completamente de surpresa.
Ouviu um som abafado e então palavras, voz humana, até familiar.
'Senhoras e senhores. O instituto Smithsonian os saúda nesta nova ala interplanetária e as maravilhas que no momento presenciam.'
Era a gravação da voz de Stillwell, mas não vinha dos falantes do teto, mas de algum lugar de dentro da nave.
Depois de uma pausa, continuou:
'Todos vocês devem...devem...' e então parou. O cabelo de Cliff se arrepiou.
Esta não era a gravação.
Houve silencio por pouco tempo então um grito, um grito humano abafado, de dentro do coração da nave; seguido por tosse e choro de um homem em grande terror.
Cada nervo de Cliff se retesou quando ele chegou até a porta. O som que ouvira saindo de dentro agora se aproximava, saindo as sombras uma forma certamente humana. Tossindo e meio cambaleante, correu na direção de Cliff. A seis metros dali, a sombra enorme de Gnut surgiu na porta, seguindo-o.
Cliff parou sem respiração. O homem era Stillwell, ele viu, corria para a mesa que antes Cliff usara como esconderijo, estava bem perto dela quando seus joelhos dobraram e ele caiu ao chão. Subitamente Gnut já o alcançara, mas Stillwell não o vira ali. Parecia bastante doente, fazendo esforços espasmódicos e tentando se proteger.
Gnut não se moveu, então Cliff disse:
'O que foi, Stillwell? Eu posso te ajudar? Não tenha medo. Sou eu, Cliff Sutherland, você me conhece, o repórter.'
Sem mostrar surpresa em encontrar Cliff ali e tossindo como um afogado, Stillwell gemeu:
'Me ajude! Gnut... Gnut.'
Não conseguia falar parecia.
'Gnut o quê?'
Consciente dos olhos vermelhos sobre ele e receoso de ir até o sujeito, Cliff disse afirmativo:
'Gnut não vai machucá-lo. Tenho certeza que não. Ele não me feriu. Qual o problema? O que eu posso fazer?'
Então, num acesso de energia, Stillwell levantou-se nos cotovelos.
'Onde eu estou?' perguntou.
'Na ala interplanetária. Não reconhece?'
Somente a respiração pesada de Stillwell era ouvida. Então, fraco, ele perguntou:
'Como cheguei aqui?'
'Eu não sei.' Respondeu Cliff.
'Eu estava fazendo uma gravação, quando de repente eu estava aqui, ou melhor, lá...'
O medo tomou-o novamente.
'Então o quê?' perguntou Cliff gentil.

‘Eu estava numa caixa e Gnut estava encima de mim. Gnut! Eles o inutilizaram. Ele nunca poderia se mover!’
‘Agora ele pode. Mas acho que não irá machucá-lo.’
Stillwell caiu de costas ao chão.
‘Estou muito fraco. Você me consegue um médico?’
Não parecia se dar conta que o robô estava bem próximo dele, olhando-o na escuridão.
Como Cliff hesitou sobre o que fazer, o homem começou a tossir, regular como um relógio. Cliff não ousava se mover, mas nada que fizesse poderia ajudá-lo agora. De repente Stillwell estava silencioso e quieto. Cliff temia pelo seu coração, então olhou para a os olhos nas sombras sobre ele.
‘Ele morreu.’ Sussurrou.
O robô pareceu entender, ou ao menos o ouviu. Curvou-se para a frente e contemplou a figura imóvel.
‘O que é isso, Gnut? O que você está fazendo? Posso ajudá-lo de algum jeito? De alguma forma eu sei que você não é hostil e não acredito que tenha morto este homem. Mas o que aconteceu? Pode me compreender? Você fala? O que está tentando fazer?’
Gnut não fez qualquer som ou movimento, apenas olhava para o corpo aos seus pés. Na face do robô, Cliff viu triste contemplação.’
Gnut permaneceu de pé por muitos minutos, até que se abaixou, agarrou a forma com cuidado, até gentileza, pensou Cliff, e em seus poderosos braços, carregou-o para perto da parede onde jaziam os pedaços desmembrados dos robôs atendentes. Deitou-o ao lado deles e então deu as costas e voltou para a nave.
Sem nenhum traço de medo, Cliff começou a andar até a parede, onde estavam os robôs desmantelados. Quando parou, Gnut voltava emergindo da nave de novo.
Carregava outra forma de vida, uma maior. Colocou-a ao lado do corpo de Stillwell, o que Cliff não conseguiu ver bem, e então voltou à nave e de lá trouxe um novo corpo que colocou junto aos outros e desta vez, ao voltar para a nave, parou a rampa olhando para trás, imerso em pensamentos profundos.
Cliff reteve sua curiosidade enquanto pode e então foi ver o que Gnut depositara ao chão.
O primeiro da fila era o corpo de Stillwell, como esperava, a seguir estava a grande massa do gorila morto, aquele da última noite. Ao lado do gorila estava o pequeno corpo do rouxinol.
Estes dois haviam estado dentro da nave durante o dia e Gnut, apesar da gentileza com que os tratara, estava apenas limpando a casa. Mas havia um quarto corpo na historia que ele não conhecia. Teve que chegar bem perto para olhar bem.
O que ele viu, o fez perder o fôlego. Impossível! Seu sangue gelou. O primeiro corpo era o de Stillwell, mas o ultimo era Stillwell também, haviam dois corpos de Stillwell, ambos idênticos e ambos mortos.
Cliff recuou com um grito e então o pânico o fez correr de Gnut e gritar e chutar freneticamente a porta de entrada. Ouviu sons de fora.
‘Deixe-me sair! Gritava aterrorizado. Deixe-me sair! Deixe-me sair! Rápido!’
Uma abertura surgiu entre as portas e ele passou por ela como um animal selvagem e correu pelo caminho.
Um casal que passava próximo parou para vê-lo e até que alguma razão penetrasse em sua cabeça, até que ele diminuiu a velocidade até parar.
Olhou para o prédio onde tudo parecia normal como sempre e apesar do medo, Gnut não o perseguia.
Estava descalço. Respirava com dificuldade. Sentou no gramado úmido e colocou os sapatos, então parou para observar o prédio e recompor-se. Que reunião incrível. Um Stillwell morto, um gorila morto e o rouxinol morto, todos diante dos seus olhos. E a última e assustadora coisa, o segundo Stillwell morto, que ele não vira morrer.

E a estranha gentileza de Gnut para com eles e sua expressão de tristeza, que vira por duas vezes em seu rosto.
Enquanto olhava, as coisas ao redor do prédio já não eram as mesmas. Muitas pessoas apareceram à porta, e o som de sirenes de um helicóptero da policia e de outros lugares pessoas chegavam correndo, a princípio poucas, mas daí mais e mais. Os helicópteros policias pousavam do lado de fora do prédio e ele pensou já ver alguns policiais espiando o interior. Então, de repente as luzes do prédio se acenderam.
Controlado, Cliff voltou. Entrou.
Achava ter visto Gnut pela ultima vez subindo a rampa, mas agora ele estava na posição de sempre, como se nunca tivesse saído de lá. A porta da nave estava fechada e a rampa desaparecera. Mas os corpos, os quatro corpos estranhamente colocados em linha, continuavam deitados entre os restos dos robôs destroçados, exatamente onde ele os deixara na escuridão.
Ouviu assustado um grito atrás de si. Um guarda uniformizado do museu apontava para ele.
'É aquele homem! Quando eu abri a porta ele a forçou para sair de dentro e correu como um louco!'
Os policiais cercaram Cliff.
'Quem é você e o que é isso tudo?' perguntou um deles áspero.
'Me chamo Cliff Sutherland, repórter fotográfico. E era eu que estava dentro daqui e saí correndo, como disse o guarda.'
'O que fazia? E de onde apareceram aqueles corpos?'
'Senhores, terei prazer em responder, mas primeiro os negócios. Coisas fantásticas aconteceram nesta sala e eu vi tudo e sei da historia toda, mas...' sorriu 'Eu declino de responder suas perguntas antes que eu tenha vendido a minha história para os jornais. Sabem como é. Se me deixarem usar o rádio da polícia, apenas por um momento, senhores, terão toda a história em seguida, digamos, em meia hora, quando a televisão a transmitir. Enquanto isso, podem acreditar, não há nada que possam fazer e nada perderão com o atraso.'
O policial que fizera a pergunta piscou para um dos outros, e decerto não se tratava de um cavalheiro; avançou para Cliff com algemas, que só reagiu mostrando suas credenciais de imprensa. Ele as olhou rapidamente e as guardou em seu bolso.
Umas cinqüenta pessoas já estavam por ali e entre elas dois membros de um sindicato que ele conhecia, que haviam descido de um helicóptero.
Eles sussurraram algo no ouvido do policial e então saíram todos até o helicóptero. Lá, por radio, em cinco minutos, Cliff fechou um acordo onde ganharia mais dinheiro do que receberia trabalhando em um ano. Depois, entregou as fotos e negativos, contou toda a história e eles não perderam sequer um segundo, partindo para a central levando a exclusiva.
Mais e mais pessoas chegavam e os policiais faziam a segurança ao redor do prédio. Dez minutos depois, uma grande equipe de rádio e televisão abriu caminho entre a multidão, mandada ali pelos homens do sindicato com os quais havia feito acordo. E poucos minutos depois, sob as luzes dos refletores montados por operadores e de pé junto à nave e não muito distante de Gnut – ele recusou-se em ficar junto do robô – Cliff contava a sua história para as câmeras e microfones e, numa fração de segundos, para todos os cantos do sistema solar.
Imediatamente após, a polícia o levou para a prisão.
Fizeram isso por princípio, e porque estavam fulos da vida com ele.

5

Cliff ficou atrás das grades por toda aquela noite, até as oito da manha seguinte, quando alguém do sindicato finalmente arranjou um advogado para tirá-lo de lá. E então, quando já estava saindo, um federal o segurou pelo pulso.

'Você será levado para responder perguntas no Bureau Continental de Investigação', o agente lhe disse. Cliff atendeu de bom grado.
Trinta e cinco oficias federais de alta patente e grandes nomes estavam esperando por ele numa sala de conferência, alguns secretários do presidente, subsecretários do estado, assessores do ministério da defesa, cientistas, um coronel, executivos, chefes de departamento e o terceiro escalão. O velho Sanders de bigodes grisalhos, chefe da CHI, presidia a sessão.
Fizeram com que ele contasse várias vezes a história, e outra vez e mais uma vez, tudo de novo e mais uma vez ainda, não por que não acreditassem nele mas por que pretendiam encontrar respostas para fatos sem explicação, como o comportamento misterioso de Gnut e os acontecimentos das últimas três noites. Pacientemente, Cliff revirou sua cabeça em cada detalhe.
Chefe Sanders fazia a maioria das perguntas. Por mais de uma hora, quando Cliff achou ter encerrado, Sanders vinha com mais perguntas, envolvendo a opinião de seu pessoal sobre o que ocorrera.
'O senhor pensa que Gnut foi avariado de alguma forma pelos raios, ácidos, calor aplicado pelos cientistas?'
'Não vi nenhuma evidência disso.'
'Pensa que ele consegue ver?'
'Estou certo que sim, ou tem outros poderes que equivalem à visão.'
'Pensa que consegue nos ouvir?'
'Sim, senhor. Quando sussurrei que Stillwell estava morto, ele se curvou para ver por si mesmo. E não me surpreenderia se ele entendesse o que falamos.'
'Em momento algum ele falou, a não ser para emitir os sons que abriram a nave?'
'Nenhuma palavra em inglês ou qualquer outra língua. Nenhum som de sues lábios.'
'Em sua opinião, sua força pode ter sido afetada pelo nosso tratamento?' perguntou um dos cientistas.
'Já contei como ele levantou o gorila. Ele atacou o animal e o atirou de costas, depois disso o animal passou a ter medo dele.'
'Como explica que nossas autópsias não revelem a causa da morte de nenhum deles, do gorila, do rouxinol ou dos dois Stillwell idênticos?' perguntou um oficial médico.
'Não posso explicar.'
'Acha que Gnut é perigoso?' perguntou Sanders.
'Potencialmente muito perigoso.'
'Ainda assim diz ter a impressão de que não é hostil?'
'Para mim, quero dizer. Tenho esta sensação e não tenho nenhuma boa explicação para isso, exceto o fato dele ter me poupado por duas vezes quando me tinha em seu poder. Acho que pela maneira gentil com que segurou os corpos e talvez a tristeza que vi em sua face nas duas vezes.'
'Se arriscaria a ficar no prédio uma terceira noite sozinho?'
'Não, por nada deste mundo!'
Alguns sorriram.
'Tirou alguma foto do que aconteceu lá na noite passada?'
'Não senhor.' Cliff tentou recompor-se com esforço, apesar de uma onda de vergonha.
Um homem, quebrando o silêncio, salvou-o dizendo:
'Poucos minutos atrás, usou a palavra 'propósito' em relação às ações de Gnut. Pode explicar melhor?'
'Sim, esta é uma das coisas que me pegou. Gnut não parecia mover-se sem razão. Podia mover-se com velocidade impressionante quando queria, vi quando atacou o gorila, mas na maioria das outras vezes andava como se metodicamente cumprindo uma tarefa simples. O que me lembra de uma coisa bastante peculiar, quando ele às vezes assumia uma posição, qualquer que fosse, reclinado ou observando, e ficava assim por muitos minutos. Como se a sua escala de tempo fosse diferente da nossa, algumas vezes era surpreendentemente rápido e em outras passava longos períodos imóvel.'

‘Isso é interessante. Como você explica ele mover-se apenas à noite?’ Perguntou um cientista.
‘Acho que ele está fazendo alguma coisa que não quer que ninguém veja e de noite ele fica sozinho.’
‘Mas ele continuou mesmo com você lá.’
‘Eu sei. Mas não tenho outra explicação, a não ser que ele me considere inofensivo ou incapaz de impedi-lo, o que certamente é o caso.’
‘Antes de você chegar, nós estávamos considerando a possibilidade de prender Gnut dentro de um imenso bloco de glasstex. Acha que ele permitiria?’
‘Eu não sei. Provavelmente sim, ele permitiu os ácidos e os raios e o calor. Mas é melhor que seja feito de dia, pois a noite parece ser quando ele se move.’
‘Mas ele se moveu de dia, quando o viajante apareceu.’
‘Eu sei.’
Parecia que não tinham mais perguntas para ele. Sanders bateu a mão na mesa.
‘Bem, acho que é tudo, Mr. Sutherland. Obrigado pela sua ajuda e deixe-me congratulá-lo pela sua valentia, meu jovem homem de negócios.’
Sorriu gentil e continuou: ‘Está livre para ir embora, mas podemos precisar chamá-lo de volta. Veremos.’
‘Posso ficar um pouco mais, enquanto decidem-se pelo glasstex? Gostaria de poder dar esta notícia.’
‘A decisão já foi tomada. A notícia é sua. A operação de envolver Gnut em glasstex está prestes a começar.’
‘Obrigado senhor’ disse Cliff calmo e depois perguntou: ‘E o senhor poderia me autorizar estar presente do lado de fora do prédio esta noite? Tenho a sensação de que algo vai acontecer.’
‘O senhor quer outra exclusiva, eu percebo.’ Disse Sanders, não muito simpático. ‘E provavelmente deixará a policia esperando enquanto acaba de realizar seus negócios.’
‘Não farei de novo senhor. Se algo acontecer, eles serão os primeiros a saber.’
O homem hesitava.
‘Eu não sei... eu lhe direi o seguinte: todos os serviços de notícias vão querer um homem por lá, e nós não queremos isso, mas você poderá arranjar para ser o único representante, apenas você. Por minha parte, eu aceito. Nada irá acontecer, mas sua reportagem servirá para deixar os histéricos mais calmos.’
Cliff agradeceu e correu para telefonar para seu sindicato para contar as novas – de graça – e a proposta de Sanders. Dez minutos depois ele era chamado de volta e ficou sabendo que estava tudo arranjado, e lhe disseram para ir descansar. Eles cobririam o evento.
Com o coração mais leve, Cliff voltou ao museu. Centenas de curiosos cercavam o prédio, mantidos à distância por um cordão de isolamento policial.
Não pôde passar, apesar de ter sido reconhecido, a polícia ainda estava zangada. Não deu importância. Estava cansado e foi para o hotel e para a cama.
Tinha dormido apenas alguns minutos quando o telefone tocou.
Com os olhos fechados, atendeu. Era um dos caras do sindicato, com novidades.
Stillwell havia sido encontrado, vivo, muito vivo – o verdadeiro Stillwell. Os dois outros mortos eram cópias; e ele não pudera explicar como. Ele sequer tinha irmãos.
Cliff permaneceu alguns minutos acordado então deitou-se.
Nada mais lhe pareceria fantástico, nunca mais.

6

Às quatro da tarde, bastante descansado e com um visor infravermelho pendurado em seus ombros, Cliff passou através do cordão e entrou na ala interplanetária.
Ele era esperado e não houve problema. Assim que seu olhar caiu em Gnut, uma estranha

sensação percorreu-o e por alguma obscura razão ele quase sentiu pena do gigante.
Gnut jazia ma mesma posição de sempre, o pé direito ligeiramente avançado e a mesma expressão na face, mas agora parecia que havia algo mais.
Ele estava solidamente encapsulado em um enorme bloco de glasstex transparente. Do chão ao topo dos seus seis metros e numa distância igual para a direita e para a esquerda, atrás e na frente, ele estava imerso em uma prisão transparente como água que confinava cada centímetro de sua superfície e que iria prevenir do mínimo movimento de seus impressionantes músculos.
Era um absurdo, sem dúvida, sentir pena de um robô, um mecanismo feito pelo homem, mas Cliff passara a pensar nele como um ser vivo de verdade, igual a um ser humano. Ele mostrara propósito e vontade, era capaz de executar tarefas complicadas, sua face era capaz de exprimir emoção de tristeza e muitas vezes parecia imerso em profundos pensamentos; tinha sido brutal com o gorila, gentil com o rouxinol e os outros dois corpos e tinha evitado magoar Cliff quando ele seria capaz. Cliff não duvidava que estivesse vivo, o que quer que 'vivo' significasse.
Mas do lado de fora esperavam os homens do rádio e da televisão; ele tinha trabalho a fazer.

Uma hora depois Cliff estava sentado sozinho a dez metros do chão, em uma grande árvore que ficava localizada do outro lado do passeio público em frente ao prédio, de onde podia ver, por uma janela, a parte superior de Gnut. Presos aos seus galhos ao seu redor, três instrumentos – seu visor infravermelho, um rádio e uma tevê infravermelha com som. O primeiro lhe permitiria ver na escuridão a imagem ampliada do robô como se fosse de dia, e os outros captariam sinais e sons incluindo de seus próprios comentários e os transmitiram para os estúdios através de milhares de quilômetros em todas as direções, através do espaço.
Nunca antes, provavelmente, um repórter fotográfico tivera tamanha importância – certamente não um que se esquecia de tirar fotografias. Mas agora isso era passado, e Cliff estava orgulhoso e preparado.
Longe dali, num grande círculo, uma multidão de curiosos e assustados. Será que o plástico glasstex prenderia Gnut? Se não o fizesse, ele tentaria se vingar por ter sido preso? Será que algo inimaginável sairia da nave e libertaria Gnut e, quem sabe, executaria a vingança?
Milhares esperavam agarrados a seus rádios; aqueles na distância não esperavam que algo acontecesse, ainda assim esperavam por algo e estavam preparados para correr.
Em lugares selecionados, não muito longe de Cliff, de todos os lados havia baterias móveis de raios, manejados por unidades das forças armadas e bem à sua direita havia um enorme tanque estacionado com um grande canhão. Cada arma estava apontada para a porta da ala do museu.
Uma fileira de tanques menores e mais rápidos estava ao norte. Seus projetores de raios estavam virados para a entrada.
A noite caiu, os últimos oficias deixavam o prédio juntamente com políticos e outros privilegiados, e então as grandes portas foram fechadas e trancadas.
Logo Cliff ficou sozinho ali, a não ser pelos observadores nas armas ao seu redor.
Horas passaram.
Veio a lua.
De tempos em tempos Cliff relatava para o pessoal do estúdio que tudo estava quieto.
Seus olhos não podiam ver nada a não ser os dois pontos vermelhos dos olhos de Gnut, mas através do visor amplificador conseguia ver tudo em uma distância de cinco metros com clareza semelhante ao dia.
Exceto por seus olhos, não havia evidência de que havia algo senão metal não-funcional.
Mais outra hora. Agora e novamente Cliff verificava os níveis de seu pequeno monitor de rádio-televisão, apenas por alguns segundos de cada vez, para poupar a bateria.
A emissão não ia além de Gnut e por certa vez mostrara Cliff sentado em sua árvore, sozinho.
Poderosos televisores de infravermelho de grande distância continuavam a focalizá-lo de ângulos mais próximos.
Isso lhe dava uma sensação engraçada.

Então subitamente Cliff viu algo rápido e procurou o visor de amplificação.
Os olhos de Gnut se moviam, ao menos a intensidade da luz emitida estava variando.
Como se dois pequenos flashes vermelhos virassem de um lado para outro, cruzando como faróis o campo de visão de Cliff.
Excitado, Cliff sinalizou para os estúdios, iniciou a transmissão descrevendo o fenômeno. Milhões de pessoas vibravam excitadas com sua voz. Poderia Gnut quebrar sua terrível prisão?
Minutos se passaram e os flashes dos olhos continuavam, mas Cliff não conseguia captar movimentos no corpo do robô. Em breves relatos ele descrevia o que observava.
Gnut estava claramente ativo, não havia dúvidas de que ele lutava contra seu cárcere transparente, mas, a não ser que pudesse quebrá-lo, não se moveria de forma alguma.
Cliff olhava para o amplificador quando começou. Seus olhos captaram algo fabuloso acontecendo, apesar de não ser registrado pelo aparelho. Um brilho vermelho envolvia agora o corpo do robô. Com os dedos tremendo, reajustou as lentes do televisor, o que fez apenas o brilho crescer em intensidade. Parecia que o corpo de Gnut estava incandescente de tão quente.
Descreveu o ocorrido em fragmentos de excitação, pois sua atenção estava em ajustar corretamente as lentes. A figura de Gnut tornava-se mais e mais brilhante. E então se moveu.
Sem dívida, se moveu.
Ele podia de alguma forma aumentar a temperatura de seu corpo e usou isso para explorar esta limitação do plástico. O glasstex, Cliff lembrou, era um material termoplástico, ganhava a forma pelo resfriamento e uma vez aquecido tornava-se novamente macio. Gnut o estava derretendo.
Cliff descreveu a cena em três frases. O robô tornara-se vermelho como uma cereja, as extremidades do bloco igual a gelo perderam seu formato e toda a estrutura começou a ceder.
O processo se acelerou e viu que o robô já podia se mover lá dentro. O plástico já estava na altura da sua cabeça, depois do pescoço e depois na cintura, e então Cliff viu que Gnut estava livre. Então, ainda vermelho como uma cereja, se moveu, saindo de sua visão.
Cliff não conseguia mais ver ou ouvir nada, nada além do ruído de aclamação dos curiosos além do cordão de segurança dos policiais e, mais baixo, as vozes de comando nas baterias de tiro ao seu redor. Eles possivelmente também haviam ouvido e visto as imagens e estavam aguardando.
Minutos passaram. Então se ouviu um som metálico quando as grandes portas da ala do museu se abriram e dali saiu o gigante de metal, que não brilhava mais. Parou com os olhos indo e vindo de um lado para outro, vasculhando a escuridão.
Vozes na escuridão ordenaram e num segundo Gnut era atingido por raios coloridos de luz que cruzavam de todos os lados. Atrás dele as portas de metal derretiam, mas seu corpo verde não parecia sofrer.
Então o mundo pareceu ter chegado ao fim, ouviu-se um urro tremendo, e tudo à frente de Cliff explodiu em fumaça e caos. Sua árvore tombou para um lado e esteve a ponto de cair dela.
Pedaços de reboco e fragmentos caiam. O tanque-canhão dispara e com certeza acertara Gnut.
Cliff esforçava-se para conseguir enxergar através da poeira. Reparou em um movimento próximo dos restos da porta e mais distintamente a grande forma de Gnut ficando de pé.
Levantou-se lentamente e virou-se para o canhão e de súbito atirou-se na direção dele. A grande arma tentou acompanhar o movimento, mas o robô saiu de sua mira e logo já estava sobre ele. Só houve tempo dos tripulantes fugirem e ele o destruiu com apenas um soco e então se voltou para olhar direto para Cliff.
Começou a vir na sua direção e logo já estava junto da árvore. Cliff conseguira subir até a copa superior. Gnut pôs as duas mãos ao redor da árvore, deu um safanão e o tronco inteiro saiu do chão com raízes e tombou. Antes que Cliff atingisse o chão, o robô o segurou com suas mãos.
Cliff pensou que sua hora havia chegado, mas muitas coisas estranhas ainda estavam por acontecer para ele naquela mesma noite.
Gnut olhou para ele em sua mão e depois o ergueu até sentá-lo em um de seus ombros, as pernas ao redor do pescoço. Virou-se então e começou a seguir pelo caminho leste deixando a área do prédio.

Cliff não tinha como escapar. Enquanto cruzavam o parque, via as bocas das armas se movendo acompanhando Gnut e a ele mesmo, nas suas miras. Mas não dispararam.
Ao colocá-lo em seus ombros, Gnut se assegurara de que não o fariam – Cliff esperava.
O robô seguiu para o memorial. A maior parte dos soldados os seguia hesitantes, à distância. Cliff pode ver ao longe que uma onda escura e confusa tomava a área antes vazia – a área de contenção policial havia se desfeito. A sua frente, uma clareira estreita rapidamente se fez, enquanto avançava entre a multidão, num corredor estreito, ouvia os gritos e insultos, que terminava alguns metros depois; poucos se atreviam a chegar muito perto.
Gnut não prestava atenção nisso ou em sua carga, como se fosse uma mosca. Seu ombro era um assento pouco confortável para Cliff, mas com a diferença de que havia o movimento de músculos flexionado a cada movimento, acompanhando o que se esperava em um ser humano.
Cliff ficou assombrado com aquela musculatura viva.
Reto como o vôo de uma abelha, acima dos caminhos, através das cercas e das fileiras de arvores menores, seguia Gnut, com o jovem ao ombro e o soar de milhares de vozes seguindo-o de perto. Acima deles, helicópteros e jatos, ao redor deles, carros da polícia com sirenes irritantes.
Logo à frente, o lago do Memorial e o tumulo de mármore onde repousava o embaixador Klaatu. Brilhando em negro gélido à luz das dezenas de faróis acesos na noite.
Seria aquilo uma visita ao morto?
Sem hesitação, Gnut entrou na água que lhe chegava até os joelhos, então até a cintura e logo os pés de Cliff estavam na água. Marchando através das águas escuras até o túmulo, o robô seguiu seu caminho inexorável.
A massa escura de mármore subia alto quando chegaram perto. O corpo de Gnut emergia das águas e já estava praticamente seco quando pisou o primeiro dos degraus da pirâmide. Logo estavam no topo, na estreita plataforma cujo centro estava o túmulo oblongo.
Brilhando na luz dos refletores, o gigante caminhou ao redor dele e então curvou-se e desferiu um empurrão em sua tampa. O mármore se partiu e a tampa se partiu em pedaços.
Gnut se ajoelhou e olhou para dentro, trazendo Cliff para bem perto da borda.
Do lado de dentro, um caixão de plástico transparente na sombra, apesar das luzes de fora, selado a vácuo para preservar seu conteúdo ao rolar dos séculos, o corpo mortal de Klaatu, o visitante vindo do grande desconhecido.
Deitado, como se adormecido, o rosto transparecendo a nobreza de um quase deus que levara a alguns ignorantes a acreditar que se tratava de um ser divino.
Vestia o robe com que chegara. Nada de flores, presentes ou ornamentos, que seriam profanos. Ao pé do caixão, uma pequena caixa selada, também de plástico transparente, contendo todos os registros feitos na Terra por ocasião da sua visita – uma descrição dos eventos que se deram com sua chegada, fotos de Gnut e do viajante e um filme capturando para sempre seus breves atos e palavras.
Cliff sentia-se solitário, desejando poder ver o rosto do robô. Gnut também não se movia mais daquela posição de reverência e contemplação, mas não por muito tempo.
Ali na brilhante e iluminada pirâmide, sob os olhos da multidão amedrontada, Gnut prestava um cumprimento respeitoso e final ao seu belo e adorado mestre.
E então acabou.
Gnut agarrou a pequena caixa com os registros, ficou de pé e começou a descer os degraus.
De volta através da água, direto para o prédio do museu, através dos jardins e cercas como antes, em seu caminho inexorável. Atrás dele a turba caótica de pessoas se movia, seguindo-o o mais próximo que podia, se esbarrando e caindo e esforçando-se para mantê-lo à vista. Não houve gravação televisionada deste seu retorno. Todas as câmeras haviam sido danificadas no seu caminho até o túmulo.
Ao se aproximarem do prédio, Cliff pode ver que o projétil do tanque fizera um buraco de uns doze metros estendendo-se do chão ao teto. As portas permaneciam abertas e Gnut, sem variar

seu ritmo de passadas, passou por sobre os destroços e seguiu para a traseira da nave. Cliff pensava se o deixaria ir.
Deixou.
O robô o largou ao chão e apontou para a porta, então se virou e fez aqueles sons responsáveis por abrir a porta.
A rampa desceu e ele entrou.
Então Cliff fez a coisa mais louca e corajosa que o tornaria famoso por uma geração. Assim que a rampa começou a recuar, ele pulou para cima dela e entrou na nave.
As portas se fecharam.

7

Total silêncio e escuridão.
Cliff não se movia. Sentiu que Gnut estava por perto, logo à frente e foi isso.
Sua mão metálica agarrou-o pela cintura, puxando-o contra seu corpo gelado e o levou consigo.
Luzes escondidas banhavam-nos com uma luz azulada.
Sentou Cliff e ficou observando. O jovem já lamentava aquela sua atitude, mas o robô, exceto por seus olhos sempre assustadores, não parecia estar com raiva.
Apontou para um banco em um canto e Cliff rapidamente obedeceu e sentou-se quieto, sem sequer se atrever a olhar ao redor.
Estava em algum tipo de laboratório. Um aparato complexo de metal e plástico cobria as paredes e mesas, sem que ele reconhecesse sua utilidade. Dominando o centro da sala havia uma longa mesa em cujo topo se via uma caixa larga, quase como aquela junto do caixão lá fora, mas conectada por fios com um aparelho mais distante. Do alto descia um cone de luz brilhante projetada por vários tubos.
Uma coisa, meio coberta sobre uma mesa próxima, lhe pareceu familiar e bastante deslocada em relação ao resto. Pareceu-lhe, de onde estava, ser uma pasta comum. Ficou a pensar o que seria aquilo.
Gnut não lhe dava atenção. E, de uma vez só, com o topo de uma ferramenta fina, arrancou o topo da pequena caixa de registros. De dentro retirou o filme e por quase meia hora ajustou-o ao aparato no fim da mesa maior. Cliff olhava tudo fascinado com a habilidade do robô em manusear tudo com aqueles dedos metálicos. Concluída esta tarefa, Gnut trabalhou por algum tempo em um aparato semelhante em outra mesa, então parou pensativo por um instante e puxou o que parecia ser uma alavanca.
Uma voz se ouviu como se vinda de dentro de uma caixa – a voz do embaixador morto.
‘Eu sou Klaatu e este é Gnut.’
Era a gravação! As primeiras e únicas palavras que o embaixador havia proferido.
Mas logo, no segundo seguinte, ele viu que não estava mais só. Havia um homem na mesa.
O homem sentou-se e Cliff viu o rosto lívido de Klaatu.
Klaatu pareceu surpreendido e falou algo rápido em uma língua desconhecida para Gnut, que pela primeira vez pelo que Cliff se lembrava, respondeu. As sílabas ditas por Gnut eram carregadas de emoção e a expressão em seu rosto mudou de surpresa para alegria.
Conversaram naquela língua por muitos minutos. Klaatu, aparentemente fatigado, estava se deitando quando viu Cliff e parou no meio do caminho. Gnut falou de novo.
Klaatu então acenou para Cliff com uma das mãos e foi até ele.
‘Gnut me contou tudo’, disse com a voz gentil e então ficou olhando Cliff em silêncio, com um sorriso cansado no rosto.
Cliff tinha milhões de perguntas a fazer, mas mal se atrevia a abrir a boca.
‘Mas você’ começou a dizer, respeitoso mas ainda bastante excitado ‘não é o Klaatu que estava no túmulo?’
O sorriso desapareceu e ele balançou a cabeça.

'Não.' Então virou-se para Gnut, disse algo em sua língua e suas palavras pareceram cheias de sofrimento. E voltou-se para Cliff disse:
'Eu estou morrendo.' Novamente sua face mal segurava o fraco sorriso.
Cliff não sabia o que dizer. Esperou desejando entender o que se passava. Klaatu parecia ter lido sua mente.
'Percebo que não compreende. Apesar disso, diferente de nós, Gnut possui grandes poderes. Quando a ala foi construída e as apresentações começaram, isso serviu para ele como uma inspiração. Agindo apenas a noite, ele concebeu este aparato – e agora ele pode me fazer vivo de novo, a partir da minha voz gravada por seu povo. Como deve saber, um corpo possuiu uma voz característica. Ele construiu a maquina a partir do processo reverso de gravação, a partir do som ele fez o corpo característico.
Cliff engasgou. Então fora isso.
'Mas você não precisa morrer. A sua voz foi gravada assim que saiu da nave, quando você estava bem! Tem que me deixar levá-lo para o hospital. Nossos médicos são talentosos!'
Klaatu balançou a cabeça negativamente.
'Você ainda não entende. Sua gravação tem imperfeições. Talvez não tão grandes, mas acabam por arruinar o produto. Todos os experimentos de Gnut não viveram mais do que alguns minutos, ele me disse... e assim deve ser comigo também.'
Cliff de repente compreendeu a origem dos experimentos.
Lembrou-se de que no dia em que a ala foi aberta, um operador de som do Smithsonian perdera uma pasta contendo vários filmes com gravações de animais da fauna mundial. E ali estava a valise sobre a mesa. E os Stillwells foram feios das gravações retiradas da mesa de controle de som.
Sentiu seu coração pesado. Não queria que o estranho morresse. Pouco a pouco uma idéia sensacional lhe ocorreu. Explicou com excitação crescente.
'Você diz que a gravação tinha imperfeições, e é claro que sim. Mas a causa disso se deve ao uso de aparelhos imperfeitos para a gravação. Mas se Gnut puder reverter o processo, usando os mesmos pedaços do aparelho onde sua voz foi gravada, a imperfeição pode ser analisada, retirada e você viveria e não morreria.'
Assim que acabou de falar, Gnut começou a andar pelo lugar e então o abraçou. Uma reação verdadeiramente humana se via nos músculos de metal sua face.
'Me traga o aparelho então' disse ele em perfeito inglês e começou a empurrar Cliff para a porta, mas Klaatu ergueu sua mão e disse:
'Não há pressa. É tarde demais para mim. Qual é seu nome meu jovem?'
Cliff respondeu.
'Fique comigo até meu fim.'
Klaatu fechou os olhos e deitou-se, depois sorrindo um pouco, mas sem abrir os olhos, falou:
'E não fique triste se eu não puder viver novamente... não é seu dever. Não sinto dor.'
Sua voz mais e mais ia enfraquecendo.
Cliff, apesar de tantas dúvidas, só conseguia olhar calado.
Klaatu parecia perdido em seus pensamentos.
'Eu sei, eu sei. Você tem muitas perguntas para fazer. Sobre sua civilização, sobre Gnut...'
'E sobre vocês.'
'E sobre Gnut. Talvez... algum dia, talvez eu possa voltar.'
Jazia sem movimento agora. Ficou um longo tempo imóvel até Cliff entender que ele havia morrido. Lágrimas encheram seus olhos, levara apenas poucos minutos para aprender a amar aquele homem. Olhou para Gnut. O robô sabia disso também, que ele estava morto, mas não havia lágrimas em seus olhos vermelhos e Cliff sabia agora o que ele pensava.
'Gnut. Eu trarei o aparelho original. Eu o pegarei. Cada peça dele.'

Sem uma palavra, Gnut o conduziu até a porta. Fez os sons que a abririam e, uma vez aberta, o som de uma multidão de humanos entrou e uma onda de espanto correu pelo prédio. As luzes estavam acesas e Cliff saiu descendo a rampa.
As duas horas seguintes sempre na memória de Clif seriam como um sonho.
Como se aquele misterioso laboratório e seu homem pacífico e morto repousando nele fosse a parte central de sua vida, e aquela cena com aqueles homens barulhentos com quem falava fosse apenas um grosseiro e bárbaro interlúdio.
Não se afastou muito da rampa. De onde estava contou apenas parte da historia. Eles acreditaram. Aguardou quieto enquanto toda a pressão caía sobre os mais altos oficiais na terra que não mediam esforços para obter os aparelhos requisitados pelo robô.
Quando chegaram, Cliff o carregou para o chão junto da porta. Gnut estava lá, esperando, em seus braços trazia o corpo sem vida do segundo Klaatu.
Com gentileza, passou o corpo para Cliff, que o recebeu sem uma palavra, como se tudo tivesse sido combinado. Pareceu para ele uma despedida.
De todas as coisas que Cliff queria dizer para Klaatu, uma permanecia imperativa em sua cabeça. Agora, com o robô à porta da grande nave verde, ele achou que era o momento apropriado.
'Gnut, você precisa fazer uma coisa por mim. Ouça com atenção. Eu quero que diga ao seu mestre, aquele que ainda irá surgir – que o que aconteceu com o primeiro Klaatu foi um acidente e que todos na Terra nos sentimos terrivelmente mal por aquilo. Você o fará?'
'Eu já sabia disso.' Disse o robô gentilmente.
'Mas me prometa dizer ao seu mestre estas palavras – assim que ele surgir?'
'Você não compreende' disse Gnut e ainda gentilmente disse apenas mais quatro palavras.
Ao ouvi-las Cliff sentiu-se atordoar e seu corpo estremeceu.
Assim que se recobrou e seus olhos se focaram, viu a grande nave desaparecer.
Tão subitamente quanto aparecera, já não estava mais lá.
Caiu. Em seus ouvidos, como sinos, as últimas palavras de Gnut ainda ressoavam.
Nunca as esqueceria até o dia de sua morte.
'Você não compreende' o poderoso robô havia dito. 'Eu sou o mestre.'

FIM